



## “A gente combinamos de não morrer”: enfrentamento, resistência e renegociação na escrita de Conceição Evaristo<sup>1</sup>

### *“We ain’t Gonna Die”: Confrontation, Resistance, and Renegotiation in the Writing of Conceição Evaristo*

Tito Matias-Ferreira Júnior

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN),  
Natal, Rio Grande do Norte / Brasil

tito.matias@ifrn.edu.br

<http://orcid.org/0000-0001-8933-0927>

**Resumo:** A escrita de Conceição Evaristo está marcada por questões ainda marginalizadas pela cultura hegemônica, assim como pelo cânone literário, por abordar temas como o da condição da mulher negra no Brasil. Além disso, sua escrita também se ocupa em retratar a linguagem diária de grupos subalternos, posicionados quase sempre à margem do discurso hegemônico. Nesse sentido, esta pesquisa investiga alguns dos caminhos de luta e resistência percorridos por Conceição Evaristo para se tornar uma escritora. Para tanto, falas, depoimentos e entrevistas de Evaristo acerca de sua biografia e de suas percepções em relação ao apagamento da presença, da língua e dos costumes dos negros na sociedade brasileira serão analisados. Em sua escrita, Evaristo procura combater a promoção de uma universalidade construída como característica do significado de ser brasileiro a partir do esquecimento das contribuições das culturas de matriz africana no Brasil. A escritora confronta esse caráter universal também na produção literária e em seu consumo, pois, ao se promover um padrão universal de literatura, não se leva em consideração as especificidades do fazer literário de mulheres, primordialmente, de mulheres negras. Com isso, este estudo visa compreender como a escritora Conceição Evaristo utiliza a sua escrita para ressignificar o papel das mulheres de cor, ao confrontar os estereótipos produzidos pela literatura universal e, também, a invisibilidade pela cultura hegemônica, bem como ao utilizar a sua escrita como uma ferramenta de reposicionamento em relação aos espaços culturais de diferença e inferiorização; possibilitando sua inscrição no mundo para além da subalternidade.

**Palavras-chave:** enfrentamento; resistência; renegociação; escrita; Conceição Evaristo.

---

<sup>1</sup> Este artigo é um desdobramento de um dos capítulos de minha tese de Doutorado.

**Abstract:** Conceição Evaristo's writing is marked by themes which are still marginalized not only by hegemonic culture, but also by the literary canon, as she writes about the condition of black women in Brazil. In addition, her writing also depicts the daily language of subaltern groups, often positioned in the margins of hegemonic discourse. In this sense, this article investigates some of the paths of struggle and resistance taken by Conceição Evaristo to become a writer. For this, Evaristo's statements and interviews about her biography as well as her perceptions regarding the exclusion of the presence, language, and customs of blacks in Brazilian society will be analyzed. Through her writing, Evaristo seeks to confront the promotion of a made-up universality, which has attempted to outline what it means to be Brazilian by erasing the contributions of African cultures in Brazil. Besides, Conceição Evaristo challenges such universality in Literature and in its consumption, once the endorsement of universal patterns of literary craft takes the specificities of the literary work of women, and mainly the ones of black women, for granted. Therefore, this research aims to understand the way Conceição Evaristo uses her writing to re-signify the role of women of color when confronting the stereotypes produced by a so-called universal literature, and when fighting black people's invisibility as well. Thus, Evaristo's writing is used as a tool to renegotiate the cultural spaces of difference and marginality in which Afro-Brazilian women are singled out, for her writing enables the positioning of such women in the contemporary world beyond their subalternity.

**Keywords:** confrontation; resistance; renegotiation; writing; Conceição Evaristo.

[...] [J]á sabia qual seria a sua ferramenta, a escrita. Um dia, ela haveria de narrar, de fazer soar, de soltar as vozes, os murmúrios, os silêncios, o grito abafado que existia, que era de cada um e de todos. [...] [U]m dia, escreveria a fala de seu povo.

Conceição Evaristo (2017)

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, no dia 29 de novembro de 1946. É a segunda filha de uma família de nove irmãos. Em 1973, depois de ter concluído o antigo curso normal pelo Instituto de Educação de Minas Gerais em 1971, se transferiu para o estado do Rio de Janeiro em busca de trabalho como professora; prestou concurso e ingressou no magistério público. Evaristo reside desde o início da década de 1970 no estado do Rio de Janeiro, onde se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1990. Recebeu o título de mestra em Literatura Brasileira, em 1996, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e, em 2011, se doutorou em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Sobre a infância e, anos depois, sobre a mudança da autora para o Rio de Janeiro, Cazes (2016), em seu artigo “Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrevivência’<sup>2</sup>”, reitera que:

Conceição Evaristo nasceu em uma família de mulheres negras cozinheiras, faxineiras, empregadas domésticas. Segunda de nove irmãos, a escritora [...] diz que na infância não viveu a pobreza, mas a própria miséria na favela do Pendura Saia, encravada no alto da Avenida Afonso Pena, área nobre de Belo Horizonte. Ali, da mãe e das tias, ouviu muitas histórias e inventou outras. A ficção era indispensável à sobrevivência, uma forma de sublimar a realidade. Essa experiência é o alimento da sua escrita ou, como ela afirma, da sua “escrevivência”. (CAZES, 2016, n.p, grifo no original).

Seu primeiro romance, *Ponciá Vicêncio*, foi publicado em 2003. Alguns anos depois, em 2006, publica seu segundo romance, *Becos da Memória*. Já em 2008, publica um livro de coletâneas de poemas intitulado *Poemas da recordação e outros movimentos*. Em 2011, tem o seu livro de contos, *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, publicado. *Olhos d’água*, outro livro de contos, é publicado em 2014. Pouco depois, em 2016, publica *Histórias de Leves Enganos e parecenças*<sup>3</sup>. Além dessas obras individuais, Evaristo também escreve e publica, desde 1990, textos acadêmicos, poemas, e composições não ficcionais em antologias, revistas acadêmicas, além de seu próprio *blog*<sup>4</sup>.

Apesar de seu primeiro romance ter sido publicado somente em 2003, em 1990, Conceição Evaristo publicou, nos Cadernos Negros 13 do Quilombhoje, o poema “Vozes-Mulheres”, referenciando tanto a sua ancestralidade quanto a sua condição e a de sua descendência como mulheres negras do Brasil pós-escravidão; ligadas por meio de falas e histórias transmitidas “[...] anônima e oralmente de geração a geração[;] [r]efletindo

<sup>2</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>. Acesso em: 21 mai. 2018.

<sup>3</sup> Informações retiradas do *site* <http://www.letas.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo> (Acesso em 21 de maio de 2018), onde podem ser encontradas uma lista detalhada de toda a produção escrita de Conceição Evaristo, além de outras informações tais como críticas sobre seus escritos e *links* com conteúdo adicional sobre a vida e obra de Evaristo, como vídeos e palestras ministradas pela autora.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/>. Acesso em: 21 mai. 2018.

sobre a história dessas mulheres que sofriam tantas interdições, a fala [...] soa como um tributo às suas antepassadas<sup>5</sup>” (EVARISTO, 2005, n.p):

### **Vozes-Mulheres**

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
coou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.

A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida-liberdade.  
(EVARISTO, 2008, p. 10-11).

---

<sup>5</sup> “Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita”. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/search/label/apresentacao>. Acesso em: 21 mai. 2018.

A publicação desse poema permite a Evaristo se enxergar como escritora, mesmo tendo escrito desde sua juventude. Como ela afirma,

[...] [e]screver eu sempre escrevi, desde criança. Eu lembro do primeiro, quando eu terminei o primário, em meados dos anos 1950, fiz uma redação que se chamava “Porque me orgulho de ser brasileira”. Sempre participei de concurso de redação e ganhava. Por volta de 1965, eu escrevi uma crônica que foi publicada num jornal de Minas Gerais e numa revista de um seminário de Viamão, no RS. Agora, o momento em que eu começo a me reconhecer como escritora é quando eu publico nos *Cadernos Negros*, do grupo Quilombhoje. Tenho dito que é o ritual de passagem para muitos escritores e escritoras, negros e negras. Nos anos 1990, eu estava com 44 anos, foi a primeira vez que publiquei e que eu percebo que aquele texto conquistou um público leitor. É dentro do movimento social o primeiro lugar de recepção do meu texto. Quem vai me conferir esse status é ali, quando meus pares começam a me ler e divulgar esse texto. É um processo, pelo menos para mim. Você confiar e se reconhecer como escritora, que não se dá de uma hora para outra. O leitor vai conferindo isso. Não tem como eu dizer, sou escritora pra caramba, e ninguém me ler<sup>6</sup>. (EVARISTO, 2018 apud CANOFRE, 2018, n.p).

O contato de Conceição Evaristo com narrativas aconteceu pelas contações de histórias, e pelas conversas escutadas de sua mãe, tias, e vizinhas, experiências que a escritora define como ‘oralitura’, pois, segundo ela, “[...] [c]resci possuída pela oralidade, pela palavra. [...] Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia<sup>7</sup>”. (EVARISTO, 2005, n.p). Do mesmo modo, como ela pontua, “[...] [n]ão nasci rodeada de livros, mas rodeada de palavras. Havia toda uma herança das culturas africanas de contação de histórias”. (EVARISTO, 2016 apud CAZES, 2016, n.p). Assim sendo,

[...] creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo das palavras, das histórias que habitavam em nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia-voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>. Acesso em: 21 mai. 2018.

<sup>7</sup> “Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face”. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/search/label/proseando>. Acesso em: 21 mai. 2018.

não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos. O meu corpo por inteiro recebia palavras, sons, murmúrios, vozes entrecortadas de gozo ou dor dependendo do enredo das histórias. De olhos cerrados eu construía as faces de minhas personagens reais e falantes. Era um jogo de escrever no escuro. No corpo da noite. (EVARISTO, 2005, n.p).

O ambiente onde cresceu não proporcionou a Evaristo a familiaridade com os livros e com a leitura, pois as limitações da favela, com sua pobreza e sua restrição física, dentre outras barreiras vividas por sua condição de vida durante sua infância e adolescência, reforçaram o aspecto de contar histórias entre seus familiares. Mesmo sem condições econômicas para adquirir livros e pela pouca habilidade em escrever, sua mãe se interessava e incentivava Evaristo e seus irmãos a aprender e criar interesse pelo mundo escrito das palavras, ao “[...] recolh[er] livros e revistas e mostra[r] para nós, mesmo sem saber ler”. (EVARISTO, 2016 apud CAZES, 2016, n.p). Desse modo,

[...] Foram [...] essas mãos lavadeiras, [...] com seus movimentos de lavar o sangue íntimo de outras mulheres, de branquejar a sujeira das roupas dos outros, que desesperadamente, seguraram em minhas mãos. Foram elas que guiaram os meus dedos no exercício de copiar meu nome, as letras do alfabeto, as sílabas, os números, difíceis deveres de escola, para crianças oriundas de famílias semianalfabetas. Foram essas mãos também que folheando comigo, revistas velhas, jornais e poucos livros que nos chegavam recolhidos dos lixos ou recebidos das casas dos ricos, que aguçaram a minha curiosidade para a leitura e para a escrita. daquelas mãos lavadeiras recebi também cadernos feitos de papéis de embrulho de pão, ou ainda outras folhas soltas, que, pacientemente costuradas, evidenciavam nossa pobreza [...]. (EVARISTO, 2005, n.p).

Seu letramento se realizou durante o período escolar na infância, quando o interesse pela leitura e pela escrita aflorou e, assim, Evaristo começou a se destacar nos concursos de redação e nos clubes de leitura da escola. Contudo, sua condição econômica de miséria não possibilitou um aprendizado contínuo na esfera escolar, já que necessitou interromper seus estudos por diversos momentos a fim de ajudar sua mãe no sustento da casa. Assim, “[...] [t]rabalhou como babá, faxineira, vendedora de revistas[;] [...] seguia o caminho das mulheres da família que tinham vindo antes dela [...]” (CAZES, 2016, n.p), mas não abandonou os estudos e se formou no

curso normal aos 25 anos de idade. Evaristo admite que aprender a ler e a escrever a conscientizou sobre as restrições impostas a ela devido à sua condição social, econômica, cultural, étnica e de gênero:

[...] [I]er foi também um exercício prazeroso, vital, um meio de suportar o mundo, principalmente adolescência, quando percebi melhor os limites que me eram impostos. Eu não me sentia simplesmente uma mocinha negra e pobre, mas alguém que se percebia lesada em seus direitos fundamentais, assim como todos os meus também, que há anos vinham acumulando somente trabalho e trabalho. (EVARISTO, 2003, n.p).

Com efeito, a escrita evaristana está marcada por temas ainda marginalizados pela cultura hegemônica, assim como pelo cânone literário, pela abordagem de temas como a condição da mulher negra, visto que, “[...] [e]ssa escrita minha parte muito daquilo que eu conheço das mulheres negras, daquilo que eu sou”. (EVARISTO, 2018 apud CANOFRE, 2018, n.p). Tal opção se apresenta de forma consciente, pois, segundo Evaristo, “[...] escrever dessa forma [...] me marca como cidadã e como escritora também”. (EVARISTO, 2016 apud CAZES, 2016, n.p). Aprender a ler e a escrever e, alguns anos adiante, se tornar professora da rede pública municipal do Rio de Janeiro no início da década de 1970 possibilitou a entrada de Conceição Evaristo em lugares poucos habitados por negros; espaços de aprendizado, de trabalho e de conhecimentos raramente permitidos aos negros em geral. O ambiente acadêmico também não favorecia tal presença e a escritora fazia parte do número inexpressivo de negros nas universidades em sua época. Conforme Cazes (2016, n.p), Evaristo relata que “[...] [e]m todos os espaços, era uma das poucas negras, e sempre era mais velha do que os colegas. Essa sensação de deslocamento atravessa sua escrita desde a infância. Conceição escreve para entender o mundo e para encontrar o seu lugar nele [...]” (EVARISTO, 2016 apud CAZES, 2016, n.p).

Além do retrato da condição da mulher negra brasileira, a escrita de Conceição Evaristo se ocupa também de retratar a linguagem diária de grupos subalternos, posicionados quase sempre à margem do discurso hegemônico. Para ela, “[...] o falar brasileiro é tão misturado com o falar africano, com o indígena. [...] [T]emos uma literatura muito diversa, que tem que ser reconhecida na sua potencialidade, no seu lugar de nascença. O lugar de minha literatura é esse outro lugar”. (EVARISTO, 2018 apud CANOFRE,

2018, n.p). Seu fazer literário composto de outras compreensões, a partir da óptica dos esquecidos e silenciados pela cultura hegemônica, pode concretizar a vontade de inserção desses grupos para além da literatura oral:

[...] [a] partir do que eu vejo da minha família, a literatura é também um objeto de desejo das classes populares. Numa sociedade como a nossa, que é uma sociedade escrita, as pessoas têm consciência que aquele sujeito que sabe ler, que sabe escrever, tem poder. Um sujeito analfabeto tem consciência do processo de exclusão que sofre. Uma literatura que possa, de certa forma, traduzir, que traz no texto literário essa dinâmica da linguagem popular. (EVARISTO, 2018 apud CANOFRE, 2018, n.p).

As dificuldades enfrentadas por Conceição Evaristo em seu período de formação como uma escritora mulher, pobre e negra também se fazem presentes no caminho de publicação e de divulgação de sua escrita. Tanto os discursos, acadêmicos ou não, quanto as dinâmicas sociais, assim como os textos literários de grande acesso, reforçam o apagamento da presença, da língua e dos costumes de negros na sociedade brasileira com a promoção de uma universalidade, uma unidade construída como característica do significado de ser brasileiro, por meio do esquecimento das contribuições das culturas de matriz africana no Brasil. No tocante à função da academia diante dos processos de esquecimento e exclusão da cultura negra como um todo, Evaristo contende que

[...] [s]e a gente pensa a academia como espaço de produção de conhecimento, uma das primeiras atitudes seria ouvir. [...] [Há] uma relação de troca, mas ainda é uma relação de troca injusta, porque [...] nos oferece a possibilidade de aprendermos o saber branco. [...] É preciso que a academia aprenda a incorporar os saberes negros. No campo da literatura, que é meu campo, é preciso que essa academia aprenda a ler autores negros, inclusive aqueles que já são consagrados. [...] A academia tem que descer do pedestal e ter essa habilidade de lidar com textos novos. Um fato que leva para a minha escrita, umas meninas no Rio de Janeiro quiseram trabalhar com *Olhos D'Água* e levaram o livro para o professor. Ele se recusou, disse que não era literatura, que ele nunca tinha ouvido falar. Dias depois, eu ganhei o



Jabuti<sup>8</sup>, justamente com esse livro. A academia tem que estar aberta para o novo. [...] Tem alguns centros que estão mais abertos. Só que ainda tem o conservadorismo que quer pautar pelo cânone. Quem cria o cânone? (EVARISTO, 2018 apud CANOFRE, 2018, n.p).

A escritora confronta esse caráter universal também na produção literária e em seu consumo, pois, ao se promover um padrão universal de literatura, não se leva em consideração as especificidades do fazer literário de mulheres, e, primordialmente, de mulheres negras, “[...] porque quem cria os parâmetros são determinadas culturas europeias, que vão definir esse universal”. (EVARISTO, 2018 apud CANOFRE, 2018, n.p). Como ressaltado por Evaristo,

[...] a literatura, espaço privilegiado de produção e reprodução simbólica de sentidos, apresenta um discurso que se prima em proclamar, em instituir uma diferença negativa para a mulher negra. Percebe-se que na literatura brasileira a mulher negra não aparece como musa ou heroína romântica, aliás, representação nem sempre relevante para as mulheres brancas em geral. A representação literária da mulher negra, ainda [encontra-se] ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo objeto de prazer do macho senhor [...]. (EVARISTO, 2003, n.p).

A escrita evaristana se apresenta, assim, como um “[...] contradiscurso literário à literatura consagrada” (CANOFRE, 2018, n.p), por entender que os textos produzidos pela literatura universal não se mostram convidativos à questão da representatividade de mulheres de cor e, muitas vezes, desumanizam suas vivências. Para Evaristo,

[...] [s]e existe uma literatura universal, [...], eu acho que estou fazendo esta literatura. Acho que uma literatura que parte de uma experiência

---

<sup>8</sup> De acordo com o seu *site* oficial, O Prêmio Literário Brasileiro Jabuti teve seu início em 1958 e premia autores, editores, ilustradores, gráficos e livreiros que mais se destacam a cada ano. Além disso, o prêmio destaca a qualidade do trabalho de todas as áreas envolvidas na criação e produção de um livro. Em 2018, o Prêmio Jabuti passou por uma racionalização de suas categorias. Todos os gêneros seguem contemplados, porém, distribuídos em quatro eixos: Literatura, Ensaios, Livro e Inovação. O Jabuti lança também em 2018 a categoria Formação de Novos Leitores, pertencente ao eixo Inovação. Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/>. Acesso em: 22 mai. 2018.

de mulher negra e que é capaz de convocar a humanidade do outro, não expulsá-la, isso é universal. Eu, com todas as minhas diferenças, ser capaz de convocar. [...] [A]ssim como a História do Brasil “esqueceu” de contar determinados fatos da trajetória dos africanos e seus descendentes aqui, a literatura também esqueceu de compor personagens mais próximos da nossa realidade. (EVARISTO, 2018 apud CANOFRE, 2018, n.p, grifo no original).

Pela conscientização da necessidade de uma literatura no sentido de abarcar não somente os saberes e as vivências daqueles da cultura das elites, mas, também, os conhecimentos, a linguagem e experiências dos sujeitos periféricos em todos os âmbitos das sociedades, Evaristo singulariza o seu fazer literário por meio de escrevivências, uma escrita assinalada pelas experiências dos que quase nunca são representados pela cultura hegemônica. Dessa forma, a sua escrevivência “[...] compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra”. (EVARISTO, 2005, n.p). Com isso, visando ressignificar o papel das mulheres de cor, por meio da oposição dos estereótipos produzidos pela literatura universal e de sua invisibilização pela cultura hegemônica, Conceição Evaristo, assim como outras escritoras negras,

[...] buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de autorrepresentação. Surge a fala de um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. A *escre* (*vivência*) das mulheres negras explicita as aventuras e desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. [...] [S]obre o fazer literário das mulheres negras, pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga todas as lutas. Toma-se o *lugar da escrita*, como direito, assim como se toma o *lugar da vida*. Debruçam-se sobre as tradições afro-brasileiras, relembra e bem relembra as histórias de dispersão que os mares contam, se postam atentas e diante da miséria e da riqueza que o cotidiano oferece, assim como escrevem às suas dores e alegrias íntimas. (EVARISTO, 2003, n.p, grifos no original).

Nessa acepção, Gonçalves (2009) corrobora com a visão de Evaristo ao afirmar que “a escrita é [...] um ato de resistência: a literatura, uma parte importante no debate sociopolítico, uma ‘arma’ para ser utilizada

contra a marginalização”. (GONÇALVES, 2009, p. 59, grifo no original). Assim, Evaristo “[...] usa sua poesia como uma maneira de rejeição das ordens preestabelecidas”. (GONÇALVES, 2009, p. 60). Do mesmo modo, Duarte (2009) assevera que Evaristo “[...] busca testemunhar na ficção os mecanismos de “limpeza étnica” fortemente presentes na literatura sobre mulheres afrodescendentes, já que sua escrita subverte imagens e procedimentos cristalizados no discurso hegemônico [...]” (DUARTE, 2009, p. 75-76, grifo no original), já que “[...] há o desejo da sociedade brasileira de apagar ou ignorar a forte presença dos povos africanos e seus descendentes na formação nacional, [...] nas formas de representação da mulher negra no interior do discurso literário”. (EVARISTO, 2009a, p. 23).

Recobrando as considerações acerca da função das mulheres na produção literária do Brasil, Duarte (2009) afirma que a representação da mulher afrodescendente na literatura brasileira acontece de forma “[...] estereotipada que une a sensualidade à depressão. “Branca para casar, preta para trabalhar e a mulata para fornicar”: assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e repassa à ficção e à poesia de inúmeros autores” (DUARTE, 2009, p. 63-64). A escrita sobre a mulher afrodescendente é marcada, então, por uma “[...] semântica erótica obcecada pelos corpos de pele morena, sempre desfrutáveis, [...], aos olhos e às fantasias sexuais do homem branco [...] ao vincular a mulher afrodescendente ao desregramento e à promiscuidade”. (DUARTE, 2009, p. 64). Desse modo, a mulher afrodescendente

[...] é reduzida a signo cujo sentido permanece prisioneiro de um discurso em que racismo e sexismo se emparelham em definitivo e remetem a uma organização social em que o modo de produção escravista dá o tom de valores e comportamentos [...], a partir do senso comum patriarcal e eurocêntrico, [...] ao aprisioná-las nas teias do estereotipo. (DUARTE, 2009, p. 65-66).

Da mesma forma, Gonçalves constata que na “[...] representação da mulher negra, [...], ela é retratada como a antimusa da sociedade brasileira, porque não se adéqua ao modelo estético. A literatura, assim como a história, produz um apagamento dessas mulheres, ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira” (GONÇALVES, 2009, p. 52). Evaristo parece concordar com Gonçalves (2009) ao refletir sobre a

representação da mulher afrodescendente na literatura brasileira, fazendo a seguinte demanda: “[...] [e]staria a literatura, assim como a história produzindo um apagamento ou destacando determinados aspectos em detrimento de outros, e assim ocultando os sentidos de uma matriz africana na sociedade brasileira?”. (EVARISTO, 2003, n.p). Por conseguinte, Duarte (2009), reitera que a escrita sobre mulheres afrodescendentes no Brasil,

[...] alia o preconceito incrustado historicamente com o pensamento [...] que celebra [...] o mito da hierarquia entre raças [...] por meio da força de permanência de uma imagem que atravessa os séculos e marca a representação das descendentes de africanos na literatura brasileira”. (DUARTE, 2009, p. 65-66).

Ademais, a produção literária de homens negros e, sobretudo, de mulheres negras, contesta a objetificação das vivências, dos corpos e dos saberes negros por meio de um

[...] contradiscurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua”. (EVARISTO, 2009a, p. 27).

Assim, segundo Gonçalves, a escrita de Conceição Evaristo provoca “[...] intensos ruídos na transmissão oficial dos fatos ou na forma como o social é construído, [...], já que [...] dá-se vazão ao reprimido que emerge rasurando a cena dos grandes feitos para compor outras histórias”. (GONÇALVES, 2009, p. 52). Além disso, o fazer literário de Evaristo,

[...] examina temas complexos tais como a vida nas favelas, o preconceito e a exclusão social. Mas, [...] também fala de amor, de esperança, da família. Sua perspectiva feminina mostra sua constante busca contra o preconceito, a repressão e a injustiça social: [...] através de seu trabalho e dos diferentes temas que aborda que re-constrói e (re) negocia suas diferentes identidades: mulher, preta e pobre. A escrita representa, assim, um ato de resistência. (GONÇALVES, 2009, p. 53).

Diante disso, conforme Evaristo, é necessário produzir

[...] um discurso negro, orientado por uma postura ideológica que levará a uma produção literária marcada por uma fala enfática, denunciadora da condição do negro no Brasil e igualmente afirmativa do mundo e das coisas culturais africanas e afro-brasileiras, o que a diferencia de um discurso produzido nas décadas anteriores [...] (EVARISTO, 2009a, p. 25).

A autora, então, assim como outras mulheres de cor, utiliza sua escrita como uma ferramenta de reposicionamento em relação aos espaços culturais de diferença e inferiorização delimitados pela cultura hegemônica; possibilitando sua inscrição no mundo para além da subalternidade. Dessa forma, como observado por Evaristo, “[...] [e]screver adquire um sentido de insubordinação. [...]. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos”. (EVARISTO, 2003, n.p, grifo no original). À vista disso, conforme a escritora ressalta:

[...] [g]osto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco ... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de referir a um silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo. (EVARISTO, 2003, n.p).

Com isso, o combate à coisificação do povo negro e, em especial, das mulheres negras, é promovido pela escrita evaristana, compondo as personagens negras de outra forma, em oposto a posição de objeto designadas a elas; com base em suas experiências e vivências enquanto mulheres negras na sociedade brasileira. O escrever dessa vivência, ou, como Evaristo define, dessa escrevivência se dá a partir de uma perspectiva genuína acerca da condição dos afrodescendentes brasileiros e não pela construção estereotipada do discurso hegemônico, obliterando-os, quase sempre, de sua representatividade na configuração do povo brasileiro.

Finalmente, o lugar da pobreza, há séculos e historicamente reservado aos negros e negras do Brasil, marca o lugar de escrita de Evaristo, uma vez que a propicia um olhar indagador sobre o seu passado e uma conscientização para buscar alternativas outras para o presente; a fim de vislumbrar mudanças

para o futuro. Isso, contudo, parece ser possível quando existe a chance de vencê-la, pois, caso contrário, segundo Evaristo, a miséria se torna “[...] o lugar da revolta, da impotência, da incompreensão. [...] Hoje eu vejo que a pobreza foi o lugar fundamental da minha aprendizagem diante da vida” (EVARISTO, 2016 apud CAZES, 2016, n.p). Como a própria escritora acrescenta,

[...] em nossa fala, em nossa escrita, há muito fazer-dizer, há muita palavra-ação. Falamos para exorcizar o passado, arrumar o presente e prever a imagem de um futuro que queremos. Nossas vozes-mulheres negras ecoam desde o canto da cozinha à tribuna. Dos becos das favelas aos assentos das conferências mundiais. Dos mercados, das feiras onde apregoamos os preços de nossas vidas aos bancos e às cátedras universitárias. Dos terreiros onde as Mães acolhem seus filhos convictas na força da palavra, no Axé, aos movimentos feminista e negro. Desde ontem ... Desde sempre ... Nossas vozes propõem, discutem, demandam. Há muito o que dizer. Há muitos espaços ainda vazios de nossas vozes e faremos chegar lá as nossas palavras. (EVARISTO, 2009b, n.p).

Conceição Evaristo, por fim, faz de sua escrita uma ferramenta de negociação, enfrentamento e resistência face à subalternização e à marginalidade de sujeitos negros e, de maneira primordial, de mulheres negras entre os territórios de dominação do discurso e da cultura hegemônica.

## Referências

CANOFRE, F. Conceição Evaristo: ‘Falar sobre preconceito no Brasil é derrubar o mito de democracia racial’. *SUL21*, [S. l.], maio 2018. Seção Areazero. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/05/conceicao-evaristo-falar-sobre-preconceito-racial-no-brasil-e-derrubar-o-mito-de-democracia-racial/>. Acesso em: 21 mai. 2018.

CAZES, Leonardo. Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrevivência’. *O GLOBO*, [S. l.], jul. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928>. Acesso em: 21 mai. 2018.

DUARTE, E. A. Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 63-78, 2º sem. 2009.

EVARISTO, C. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. p. 161.

EVARISTO, C. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: *Nossa Escrivivência*, [S. l.], 2005. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/da-grafia-desenho-de-minha-mae-um-dos.html>. Acesso em: 21 maio. 2018.

EVARISTO, C. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. In: *Nossa Escrivivência*, [S. l.], 2009b. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/search/label/proseando>. Acesso em: 21 maio. 2018.

EVARISTO, C. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) da dupla face. In: *Nossa Escrivivência*, [S. l.], 2003. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com/2012/08/genero-e-etnia-uma-escrevivencia-de.html>. Acesso em: 21 maio. 2018.

EVARISTO, C. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009a.

EVARISTO, C. Nossa Escrivivência. In: *Nossa Escrivivência*, [S. l.], 2018. Disponível em: <http://nossaescrevivencia.blogspot.com.br/>. Acesso em: 21 maio. 2018.

EVARISTO, C. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. p. 10-11.

GONÇALVES, A. B. Processos de (re)definição na poesia de Conceição Evaristo. *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 51-61, 2º sem. 2009.